

HOMENAGEM

Decio e a

FRANCISCO COSTA



Todo metiê tem suas tarefas ingratas, e esta é uma delas. Este é um texto de homenagem ao grande ser humano que foi Decio de Almeida Prado, o maior crítico de teatro do país e, mais importante ainda para mim, pelo menos do ponto de vista afetivo, presidente do primeiro Conselho Editorial da *Revista USP*, cargo que ele exerceu com dedicação exemplar de 1988 a 1993 – o projeto já estava implantado e a revista já não corria perigo de vida. Seu afastamento se deu por motivo de saúde – na época, ele já se locomovia com dificuldade. Como se noticiou amplamente pela imprensa, Decio faleceu no dia 3 de fevereiro, aos 82 anos, vítima de um enfarte em sua famosa residência, no bairro do Pacaembu, na qual ele recebia amigos, estudantes, jornalistas, com tanto carinho.

Para princípio de conversa, é preciso dizer que em 88 o então reitor da USP, José Goldenberg, nomeou um grupo de professores para um conselho cultural da antiga Codac-USP. Com o passar do tempo, as atividades do conselho se fixaram no trabalho da revista e lhe deram um enorme impulso. Decio de Almeida Prado, na época, foi indicado unanimemente como seu presidente. Com seu jeito brincalhão, ele costumava dizer que só era presidente por ser o mais velho da turma – era ainda o mais reverenciado.

Tive o prazer de conhecer Decio (assim mesmo, sem acento, como ele costumava assinar seus textos) ao me transferir para a *Revista USP*, em 1989, quando ocupei o cargo de editor-executivo, a convite de Nél-

Revista

son Ascher, então editor-chefe da publicação e idealizador do projeto editorial. De sisudo, Decio não tinha nada – foi o que mais me impressionou no primeiro momento. Alegre, calmo, pelo contrário, era de uma simplicidade invulgar. Sempre bem-humorado, ele conduzia os trabalhos do conselho, que se reunia semanalmente às terças à tarde, na sala do professor Mário Fanucchi, então coordenador do que viria a ser a Coordenadoria de Comunicação Social da USP (CCS). Quando havia alguma discussão acalorada na mesa, ele costumava manter a posição do ouvinte atento a todas as posições, e então dava sua opinião. Também sabia ser duro e impor seu ponto de vista, sempre com cavalheirismo e de forma cordata.

Mas ao contrário do que muitos podem pensar, as reuniões do conselho – e essa é uma das tradições da *Revista USP* que vêm dos tempos do Decio – eram freqüentemente lúdicas. Tanto assim que era comum os conselheiros afirmarem que os encontros da revista eram uma espécie de oásis dentro da vida acadêmica. Havia longas conversas sobre os temas mais diversos e apaixonantes da cultura, sem que se esquecesse a pauta do dia. Outra qualidade do Decio, que na época eu não soube compreender muito bem. Ele era um defensor inabalável do autor brasileiro. Quantas vezes se argumentou com ele que uma revista do porte da *Revista USP* deveria ser mais aberta à colaboração internacional, deveria ter mais textos traduzidos! Decio ouvia com atenção e no final dizia alguma coisa do tipo: “Não estou convencido”. Para ele, o colaborador brasileiro tinha precedência, devia vir sempre em primeiro lugar. Assim como os temas culturais: se dissessem respeito ao Brasil, tudo bem, senão, havia prenúncio de trovoadas. Ele era um defensor incansável do país.

Ele era também um homem de redação. No número três, cujo dossiê foi “100 anos de República”, sabendo que precisávamos de material iconográfico diferencia-

do, Decio emprestou toda a sua belíssima coleção original da *Revista Ilustrada*. Como os exemplares eram muito velhos e foram muito manuseados, na devolução, se a revista saiu do prelo muito charmosa, para meu pesar a coleção estava em frangalhos. Decio teve a gentileza de não fazer qualquer comentário.

Quando Decio saiu do conselho, eu já adivinhava que ele não mais escreveria para a revista. A bem da verdade, texto original mesmo para a *Revista USP* ele só produziu um, “O Tempo (e o Espaço) no Futebol”, editado no segundo número, em 89. É uma pequena maravilha de estilo e reflexão. No texto, o que mais me impressionou, além da elegância habitual da linguagem, eram suas finas observações sobre esse esporte do qual ele era um torcedor fanático – era um são-paulino implacável.

Meu último contato com Decio de Almeida Prado se deu por ocasião de seu octagésimo aniversário. Era uma entrevista para o *Jornal da Tarde*. Sabendo de seu imenso amor pelo futebol, resolvi centrar fogo só no esporte bretão. Lá pelas tantas, ele me perguntou: “O editor te pediu para tratarmos só de futebol?” Respondi que não, que era uma coisa minha mesmo. Sua memória futebolística era tremenda. A certa altura, não agüentei e perguntei: “Por que você não publica seus textos sobre futebol? Eles são tão bons!”. Sua resposta foi: “Acho que é porque eu tenho vergonha. Eu me propus uma missão em minha vida que era cuidar exclusivamente do teatro”. Fiquei espantado quando saiu seu livro *Seres, Coisas, Lugares — do Teatro ao Futebol*. Lá estavam os textos sobre Gilmar, Garrincha, Pelé, Leônidas da Silva. Lá estava o futebol que ele tanto amava. Durante a sessão de fotos, comentei que ele continuava alegre e sorridente. Sua resposta foi um ensinamento: “Acho que é essa minha alegria que me mantém vivo”. Decio se foi, e ao lado da tristeza pela sua partida, deixou uma experiência e uma sabedoria que nenhum ser humano inteligente deve recusar.

FRANCISCO COSTA
é jornalista e editor chefe
da *Revista USP*